

Notas Históricas - A Raiva na Ilha da Madeira

Por: António Martins Mendes *

Corria o ano de 1892. Na Ilha da Madeira surgira uma doença estranha que vitimara vários cães e algumas pessoas. Suspeitava-se que fosse raiva, mas as opiniões dos clínicos locais estavam divididas.

Haviam decorrido apenas 10 anos desde que Louis Pasteur apresentara juntamente com os seus colaboradores: Chamberland, Roux e Thuiller, a sua importante comunicação sobre a raiva na Academia de Medicina (Dezembro de 1892).

Cronologicamente essa seria, de facto, a terceira memória sobre os trabalhos que haviam sido iniciados em 1880 pela mesma equipa, a qual iria pouco depois ser reduzida de uma unidade, com a morte prematura de Thuiller, em Alexandria, para onde fora estudar uma epidemia de cólera em 1883. Nesses primeiros trabalhos, e nos que se lhes seguiram, Pasteur e seus colaboradores, apresentam conclusões curiosíssimas, muitas das quais permanecem actuais: vias de transmissão do vírus; presença precoce do vírus na espinal medula; presença do vírus nos nervos (pneumogástrico e ciático) e nas glândulas salivares (maxilares, parótidas, sublinguais); variações de virulência; o cão como reservatório de vírus e principal responsável pela raiva humana; os vírus das ruas e os vírus fixos. Pasteur preocupava-se por não poder observar o vírus da raiva ao microscópio e considerava esse facto como uma importante lacuna nos seus trabalhos. Tão - pouco conseguia cultivar o micróbio da raiva e, no entanto, êle estava presente na saliva ou no sistema nervoso dos animais raivosos. Seria necessário que se passassem mais de 60 anos para que o vírus da raiva fosse finalmente observado e descrito morfológicamente, como semelhante a uma bala, por Sokolov e Vanag, em 1962

O diagnóstico da raiva não era fácil e surgiam, frequentemente, conclusões contraditórias, principalmente nos

casos (a maioria) que não se apresentassem como típicos. A introdução do coelho como animal de experiência, em substituição do cão, por Pierre-Victor Galtier, fora uma contribuição importantíssima para os estudos sobre a raiva e o seu diagnóstico.

Recorde-se, a propósito, ter sido apenas em 27 de Março de 1903 que Adelchi Negri descreveu, nas células nervosas, os corpúsculos que têm o seu nome e que passaram a ser considerados, após longas discussões, como característicos da raiva.

Em 1883, António Maria Mendes afirmava que a solução do problema da raiva seria a vacinação, escrevendo que o diagnóstico da doença era "a observação continuada dos cães suspeitos de raiva". Mesmo assim o diagnóstico não era fácil e surgiam, frequentemente erros clínicos.

Nesse fim de século a raiva era endémica no nosso país. Em Lisboa, era já obrigatório o registo dos cães e, os proprietários dos suspeitos eram obrigados a interná-los no Instituto Geral de Agricultura para observação e diagnóstico. Mantinha-se em vigor o decreto do Intendente Pina Manique, publicado em 1788, que impunha o abate, na cidade de Lisboa, de todos os cães errantes que não usassem coleira e açaimo. Em 1896 segundo os médicos Miguel Bombarda e Luís da Câmara Pestana... "*a raiva floresce com tal intensidade no nosso país, que dificilmente se poderá encontrar outro, não só que o iguale, mas mesmo que d'elle se aproxime*". O tratamento anti-rábico das pessoas agredidas por animais suspeitos ou doentes de raiva fora iniciado no ano de 1893, em Lisboa.

Quando os trabalhos de Pasteur foram conhecidos no nosso país, os colegas de então, aderiram, rapidamente, às suas conclusões. Talvez porque o problema do carbúnculo hemático se apresentasse entre nós com características

alarmantes, os colegas de então viram imediatamente que a sua solução estaria nas vacinações de Pasteur. Pasteur realizou a sua clássica experiência de vacinação anti-carbúnculo em 1891 e, em Portugal, em 1 de Junho de 1882 o currículo escolar do Instituto Geral de Agricultura, foi acrescentado com a disciplina de: "*Epizootias, Policia Sanitária, Direito Veterinário e Medicina Legal Veterinária*". Foi seu regente o Prof. Joaquim Inácio Ribeiro. A sua tese de concurso intitulou-se: "*O parasitismo nas afecções contagiosas*". Assim se iniciou a Bacteriologia em Portugal e Inácio Ribeiro foi o seu pioneiro. Foi criado, então, numa pequena dependência do Laboratório de Química, um gabinete de Bacteriologia, onde, além do referido mestre, trabalharam ainda os professores Antunes Pinto e Paula Nogueira. Tudo se passou, portanto, bastante antes da fundação, no hospital de S. José de um pequeno laboratório onde o madeirense Luís da Câmara Pestana realizou, juntamente com Aníbal Bettencourt, os primeiros trabalhos de Bacteriologia Médica. Câmara Pestana fora enviado ao Instituto Pasteur para que se aperfeiçoasse em bacteriologia e a criação do Laboratório que viria a ter o seu nome teve lugar em 1892. Nele se iniciaram as vacinações anti-rábicas, a partir do ano seguinte. Recorde-se que Câmara Pestana foi um ilustre bacteriologista e investigador. Infectado, acidentalmente, quando estudava a Peste bubónica na cidade do Porto, em 1898, foi vitimado pela doença. Em sua homenagem o Real Instituto de Bacteriologia, de que era director, passou a ter o seu nome.

O referido gabinete de bacteriologia existente junto ao laboratório de Química do Instituto Geral de Agricultura veio a dar lugar ao primeiro laboratório de bacteriologia criado em 2 de Dezembro de 1886, para apoio ao ensino.

Em 1890, o Dr. Roque da Silveira foi nomeado director do Laboratório de Bacteriologia, ao regressar de Paris, onde fora estudar no Instituto Pasteur, iniciando a preparação da vacina anti-carbunculosa.

O Instituto Geral de Agricultura era um estabelecimento de ensino integrado no Ministério das Obras Públicas, Commércio e Indústria, dependia da Direcção Geral de Agricultura respectiva e sofria com as variações humorais do Director Geral dos Serviços Agrícolas, com os consequentes atropelos e prejuízos. Uma discordância entre esse Director - Geral e o conselho escolar do Instituto, fez com que em 1891 o Laboratório de Bacteriologia e o Hospital Veterinário dêle fossem desanexados para ficarem affectos à Direcção Geral de Agricultura.

Para esclarecer a suspeita de raiva que surgira na Madeira foi então nomeado o director do laboratório de bacteriologia, Dr. António Roque da Silveira, o qual desembarcou no Funchal em 8 de Outubro de 1892. Para além do fim expresso no despacho de nomeação, deveria também dar parecer sobre a conveniência de estabelecer-se, nessa cidade um instituto anti-rábico.

Roque da Silveira encontrou uma situação complicada; tanto a população como a classe médica encontravam-se divididas. Roque da Silveira em colaboração com o veterinário do distrito do Funchal (o Dr. João Tierno), procedeu a colheitas do bulbo raquidiano, de pessoas e animais, dados como tendo morrido de raiva ou simplesmente suspeitos. A sintomatologia que se observava não era de molde a convencer os clínicos. Encontrou alguns casos de raiva muda ou paralitica e de raiva agressiva em cães.

Em Santana, em 21 de Outubro de 1892 observou um caso de raiva num bode, que descreveu pela forma seguinte: "*O animal pastava preso a uma corda, num pequeno campo, onde, cerca de 20 dias antes tinham sido mortos dois cães julgados enraivados. Notou o dono do animal que este, ao recolher, no dia 19, não estava tão farto como de costume, apresentando-se ao mesmo tempo triste; no dia 20 aumentou esta tristeza e comeu pouco; no dia 21, em que eu o vi, manifestava êle os seguintes*

sintomas: grande tristeza, perda completa do apetite, baba abundante, pulso frequente e pequeno, respiração pequena, frequente e difficil, temperatura elevada, constipação de ventre, anuria, olhar fixo e espantado, boca entre-aberta, paralysis dos músculos da garganta, dificuldade nos movimentos, irritabilidade, investindo com os animais, sobretudo com o cão. No dia 22 exagera-se a maior parte d'estes sintomas e appareceu a parésia do terço posterior. No dia 23, sobreveiu a paralysis geral, morrendo na manhã de 24'.

Na necrópsia, entre outras anormalidades, foi detectada uma hipertrofia do baço, o que fez levantar a suspeita de carbúnculo. As inoculações de sangue e emulsão de cerebêlo em coelhos, pelas vias: endovenosa e sub-meningica, apenas provocou a morte, precedida de paralisia, do segundo grupo de animais.

No seu relatório, Roque da Silveira afirma que, já em Novembro de 1892, tinha poucas dúvidas de que a raiva existia, de facto na Madeira. Existiam rumores de que haviam falecido diversas pessoas agredidas por cães, mas era necessário convencer as autoridades administrativas e médicas.

Surgiu novo caso suspeito no Porto da Cruz numa jóvem com 14 anos de idade. Foi pedida uma autopsia, tão completa quanto possível, mas o clínico limitou-se à rotina e concluiu que a causa da morte fora uma febre tifoide. Roque da Silveira discordou dessa opinião. Assim, realizou uma emulsão de um fragmento do cerebro da jóvem, inoculando-a em coelhos, com resultados positivos para a raiva. Na história pregressa da jóvem constava que fora agredida por um cão, no lábio superior.

Em Dezembro surgiu outro caso suspeito numa criança, com 12 anos de idade, que fora mordida por um cão no pulso direito, em 14 de Outubro. A criança queixava-se de formigueiros no braço direito; na manhã do dia 10 tinha dores na garganta e não conseguia beber água. Neste dia foi internada no hospital e no dia 11 mostrava: "*arrepios, spasmos na garganta, photophobia, aerofobia, hydrophobia, olhar fixo e espantado, hiperesthesia geral, irritabilidade, conservando porém, todos os movimentos livres. Depois das onze horas da noite de 11*

perdeu o uso da razão, apresentando alucinações intermitentes, salivação abundante; fugiu da cama e do quarto, sendo necessário sujeita-la, para evitar que saísse das salas do hospital. Às seis horas da tarde do dia 12, appareceu a paresia dos membros inferiores, às onze estendeu-se ao membro thorácico direito tornando-se a dos membros inferiores em paralysis pelas duas horas da tarde do mesmo dia, em que também havia baba abundante, bem como acessos de fúria, chegando a ameaçar o pai de o morder se este lhe tocasse; às sete horas da tarde caiu em estado comatoso, morrendo às nove horas da noite'.

Roque da Silveira considera, muito justamente, este caso, como perfeitamente típico, seguindo uma marcha bem defenida e característica.

Na autópsia, para além de outros achados julgados menos importantes, atribui valor especial às lesões do estômago e ao seu conteúdo: ... "*hemorragia no estômago o que dava lugar a que o sangue, misturado com outros liquidos existentes neste orgão apresentasse o aspecto de pé de café, tão mencionado nos diversos artigos escriptos sobre a raiva'.* Este caso, absolutamente típico fez com que os médicos mais renitentes em acreditarem na existência de raiva na Madeira, tivessem de capitular perante a evidência fornecida pela própria vítima.

Surgiu ainda um outro caso de raiva num rapaz com 16 anos de idade que fora agredido por um cão em nove de outubro e faleceu em 27 de Dezembro.

Em resumo, durante a permanência de Roque da Silveira no Funchal, até ao fim de 1892 ... "*foi possível reconhecer a existência da raiva nas proveniências seguintes: 1º Homem da Achada; 2º Cão morto em 8 de Outubro de 1892; 3º Cão Nº 2; 4º Porco; 5º Bode; 6º Rapariga do Porto da Cruz; 6º Velha do Funchal.*

Foi porém, ela perfeitamente

reconhecida no rapaz que morreu no hospital civil do Funchal e n'um outro rapaz de Machico'.

Não lhe foi possível averiguar com exactidão, quando e como a doença fora introduzida na Madeira, mas uma coisa era certa: antes de 1892, desconhecia-se a sua existência. Localmente afirmava-se que, em Maio deste ano, desembarcara no porto do Funchal um inglês que viajava num dos navios dessa nacionalidade que visitaram o porto. Afirma-se que no momento de desembarque estava acompanhado por dois cães e que quando embarcara levava apenas um. A versão é discutível, segundo Silveira, mas se um dos animais estivesse infectado pela raiva, no período de incubação e se perdesse durante a estadia ela encontraria na ilha as condições necessárias para rapidamente se propagar atingindo aspectos de verdadeira epizootia. Os cães existiam, em toda ilha em grande número, vagabundiavam livremente pelos campos e povoações e até mesmo na cidade do Funchal.

Roque da Silveira não levanta outra hipótese que se nos afigura também provável. Sabendo-se que a doença grassava intensivamente no Portugal continental não seria igualmente provável que tivesse sido levada para a Madeira por um cão importado?

Havia apenas uma certeza: que a raiva fora importada.

Qualquer das hipóteses surge como possível, pois a Grã-Bretanha estava infectada nesse fim de século.

Inicialmente, enquanto sómente morriam os cães, não houve grande preocupação entre a população. Mas depois adoeceram e morreram duas crianças. Os médicos suspeitaram de raiva. Foram feitas emulsões com o bolbo raquidiano de uma das crianças e inoculado um coelho, com sintomas que poderiam ser de raiva. A Junta de Saúde do Funchal reuniu e surgiram três opiniões diferentes. Alguns médicos diziam que se tratava de raiva;

Outros afirmavam que se tratava de tétano e finalmente um terceiro grupo não tinha opinião formada. A verdade porém era que morriam cães e pessoas. Parece que desde o início se ligaram estes dois factos - a doença parecia ser transmitida pela mordedura dos cães. A imprensa local apoderou-se da situação e teve um papel de mérito exigindo que se esclarecesse o problema e não deixando que ele caísse no esquecimento, como tantas vezes sucede em casos semelhantes. A própria população, por sua própria iniciativa procedeu ao abate de um número elevado de cães. Foram mortos certamente, muitos animais inocentes, cuja única culpa seria a de apresentarem os sinais de irascibilidade que caracteriza a espécie. Toda e qualquer agressão ou tentativa de agressão era imediatamente suspeita e tomada por raiva. No entanto essa actuação foi positiva, pois teve o mérito de reduzir, drasticamente o número de cães e em consequência diminuir os riscos de contágio. Embora a doença tenha sido diagnosticada em outras espécies de animais domésticos para Roque da Silveira o cão foi sempre a principal espécie agressora, sem excluir a responsabilidade, do gato, mas considerando-a muito secundária.

No relatório apresentado a doença é pormenorizadamente descrita, abordando a evolução clínica, a sintomatologia, o comportamento dos animais raivosos, nas suas duas formas mais correntes: furiosa ou agressiva e muda ou parálitica. Salienta mesmo um aspecto que, actualmente, continua sendo esquecido e confundido com o que se passa no Homem: *"A sêde nos cães infeccionados de raiva é quase constante, e, n'estes animais, não há o que o homem quâse sempre apresenta, o horror à água, portanto não há hidrofobia; bem ao contrário, o cão enquanto não tem a constricção da garganta a impedir-lhe a deglutição, bebe água, o que não acontece com os sólidos, para os quais em breve perde o apetite embora ainda possa deglutir"*.

Nessa época, a história progressiva dos agredidos (pessoas e animais), a observação clínica dos agressores colocados em cativeiro, as inoculações de emulsões de substância nervosa em coelhos ou cobaias, eram os meios de diagnóstico existentes.

Mas nem todos os casos suspeitos de raiva foram confirmados, quer pelas necrópsias e inoculações experimentais em animais de laboratório (coelhos e cobaias), quer por sementeiras em caldo e / ou em gelose e gelatina. Contudo, os ensaios realizados permitiram-lhe concluir que: *"O estudo bacteriológico, ainda que incompleto, parece-me demonstrar sobejamente, em relação aos animais observados, que não havia nos caninos doença infecciosa, além da raiva"*.

Foi diagnosticada a raiva em quatro animais (dois cães, um bode e um suíno) e em sete pessoas, o que traduz, expressivamente, a dramática situação que na ilha se vivia.

A finalidade a atingir era a erradicação da raiva e Roque apresenta três hipóteses: 1º Extermínio de todos os cães e dos gatos; 2º Vacinação preservativa de todos os cães da ilha; 3º Emprego de todos os meios para se conseguir a diminuição do número de cães e evitar que estes vagabundeassem.

Tirando partido do estado de espírito da população madeirense e considerando realisticamente que a vacinação Pasteur dificilmente seria aplicável aos animais, foi decidido adoptar a terceira opção e postas em execução as seguintes medidas:

- a) colaboração das Camaras municipais as quais ficavam encarregadas da construção e administração de canis destinados ao sequestro e observação dos animais suspeitos;
- b) todos os possuidores de cães deveriam apresenta-los para registo e sequestro durante um período de seis meses;
- c) todo o canino ou felino importado ficaria sujeito a um período de sequestro e observação durante seis meses;
- d) formaram-se comissões concelhias com "indivíduos com boa vontade" para auxiliarem as autoridades administrativas;
- e) foi pedida a colaboração dos párocos, para que nas suas práticas esclarecessem os paroquianos sobre os riscos da doença e a necessidade de todos colaborarem com as autoridades para combata-la;
- f) estabeleceram-se penas severas para as pessoas que não

apresentassem os seus cães para sequestro e observação;

- g) o uso do açaimo, coleira e trela eram obrigatórios para os cães que circulassem na via pública.

Foi também garantida a cobertura esclarecedora da imprensa que acompanhava o cumprimento das medidas restritivas, as quais tinham cobertura legal no Regulamento de Saúde Pecuária de 7 de Fevereiro de 1889.

Havia a felicidade do foco de raiva se situar numa ilha com uma relativamente escassa cobertura de animais receptivos, onde não existiam espécies bravias em grande número e limitadas ao suíno e ao gato bravo. Qualquer destas era descendente das espécies domésticas que haviam sido introduzidas na Madeira e que, por motivos vários se refugiaram nas serras, fora do controlo humano e vivendo em condições silváticas, mas não constituíam risco epidemiológico.

Considerando as condições existentes, não se justificava a criação, no Funchal, de um Instituto anti-rábico.

O êxito das medidas preconizadas por Roque da Silveira foi rápido e completo.

Em 1993 foram abatidos mais de mil cães suspeitos nas abegoarias municipais; o uso do açaimo e a trela eram norma aceite e, em Dezembro de 1993 a raiva estava completamente extinta.

Em 10 de Janeiro de 1896 a Comissão nomeada pela Sociedade de Ciências Médicas, para dar parecer sobre a profilaxia da raiva elogiava o trabalho feito na ilha da Madeira. Três anos depois a ilha continuava livre da doença e assim permaneceu até aos nossos dias. Contudo, na memória das pessoas perdurou o terror que a doença inspirou, de tal modo que, na minha juventude, ainda assisti a algumas batidas a "grades adanados nos bizalhos" ou outros pequenos animais domésticos. Simplesmente o

têrmo "adanado" era aplicado ao cão ("grade") no sentido de "viciado" em agredir, matar e comer os frangos ("bisalhos"), galinhas ou coelhos... nas capoeiras junto às casas dos camponeses.

Quanto ao Porto Santo esteve sempre isento de raiva. ■

Bibliografia

- Bombarda, Miguel e Pestana, Luiz da Câmara.
1896 - Relatório da Comissão nomeada para dar parecer sobre a prophylaxia da Raiva. Boletim da Direcção Geral da Agricultura. VI ano, Nº 6, pág. 555
Brito, Elvino de; Gamito, Salvador; Cocq, Carlos le; Torgo, José Maria; Baganha, Annes; Silva, Manuel Diogo da; Monteiro, José Anastácio e Nogueira, João Viegas Paula. 1896 - Parecer da Junta Consultiva de Saúde Pecuária. Boletim da Direcção Geral de Agricultura VI ano, Nº 6, pág. 561
Mendes, A. Martins - 1966. Homenagem a Louis Pasteur (1823 - 1895). Rev. Port. de C. Veter; Vol. XCI, Nº 517, pág. 4
Silveira, António Roque da - 1893 - Raiva na Madeira em 1892. Boletim da Direcção Geral da Agricultura. Vano, Nº 2, pág. 29